

TROCANDO PRESENTES

Cathy Downs

Meu pai era um daqueles pregadores antigos do interior, que costumava recitar, em voz alta, versículos do púlpito da igreja batista, fazendo com que os ouvintes tremessem em seus lugares. Algumas vezes, ele recitava capítulos do livro de João sem ao menos olhar para a Bíblia em suas mãos.

Em uma tarde, depois das aulas, papai e eu estávamos no carro, a caminho da casa de uma das senhoras da igreja para fazer-lhe uma visita. Eu acabara de receber o livro de leitura da terceira série. Era meu primeiro livro de capa dura, e eu estava orgulhosa dele. Já tinha lido uma história para meu pai e começava a segunda, quando encontrei uma palavra que não conhecia. Ele resmungou algo do tipo não conseguir ler e dirigir ao mesmo tempo; então, lentamente, soletei a palavra: "o-u-t-o-n-o". Meu pai continuou em silêncio. Nervosa, gritei:

- Você não sabe ler?

Meu pai parou o carro no acostamento e desligou o motor.

- Não, Cathy, eu não sei ler... - ele sussurrou - eu não sei ler.

Ele tomou o livro de minhas mãos.

- Eu não consigo ler nada deste livro - disse-me com tristeza na voz.

Gentilmente, papai começou a contar sobre a sua infância, como todos na família trabalhavam para sobreviver. No tempo da colheita, a escola e os livros tinham que esperar. O algodão tinha que ser carpido no verão e colhido no outono. No inverno, os animais tinham que ser abatidos e preservados. Havia muitas bocas para alimentar, e cada um tinha que dar a sua contribuição.

Para tornar a vida ainda mais difícil, meu pai tinha dois irmãos deficientes, por isso os outros tinham trabalho dobrado.

Como resultado de tantas faltas na escola, meu pai repetiu muitas séries, perdeu a motivação e, aos 16 anos, desistiu da escola.

Jamais me esquecerei da tristeza na voz de papai enquanto me contava sobre sua infância. Também, jamais me esquecerei da vergonha em sua voz quando falou sobre seu constrangimento por não ser capaz de ajudar seus cinco filhos com as lições de casa. Em nenhum momento, amei tanto meu pai.

Lembrei-me, então, de como ele lia tão bem quando estava no púlpito, quando lia capítulos inteiros de uma só vez sem esquecer uma só palavra. Foi quando percebi que homem notável ele era.

Ele ouvia mamãe ler algo algumas vezes e, então, memorizava.

Que memória incrível!

Por esse motivo, eu me tornei sua professora. Fiz uma promessa de que ensinaria meu pai a ler. Tudo o que minha professora fazia comigo na escola, eu fazia com meu pai. Eu lhe ensinava os sons e os padrões da língua exatamente como eu os aprendia.

Quando lia uma história na escola, ao chegar em casa, ensinava meu pai a lê-la. Quando eu tinha dificuldade com um novo conceito, aprendíamos juntos. Em troca, ele me ajudava a encontrar recursos

mnemônicos para memorizar os pontos necessários para as provas. Em pouco tempo, ele aprendeu a escrever histórias e poemas simples. Logo depois, já conseguia escrever as citações e anotações necessárias para seus sermões. O momento de maior orgulho de minha vida foi quando meu pai leu a passagem bíblica - ele realmente a leu no sermão de domingo.

Meu pai nunca perdeu o fascínio pela linguagem escrita. Lia tudo o que lhe vinha às mãos. Ficou orgulhoso no verão em que conseguiu ler o "Almanaque do fazendeiro" para minha mãe e ensinou-a a plantar.

Em 1977, meu pai foi diagnosticado com câncer de pulmão em estado terminal e morreu nove meses depois. Durante esses nove meses, ele leu a Bíblia de Gênesis a Apocalipse. Seu momento de maior orgulho foi quando fechou a Bíblia, sabendo que era capaz de ler tudo o que estava escrito nela.

Antes de morrer, ele me agradeceu o presente que eu lhe havia dado. No entanto, não percebeu que fora ele quem me havia presenteado: eu soube que, assim como ele tinha o chamado para pastor, eu tinha o chamado para alfabetizar. Por causa de meu pai, creio que posso poupar uma criança da tristeza e da humilhação do analfabetismo. Minha carreira como professora vale a pena. Obrigada, pai.